

PRINCIPAIS TENDÊNCIAS DO TERRORISMO NA ÁFRICA RUMO A 2025

Yoslán Silverio González¹

Introdução

Nas últimas duas décadas, as relações internacionais foram alteradas pelos impactos do terrorismo, que afetaram diferentes áreas e chamaram a atenção de políticos e estudiosos de todo o mundo. As regiões do Oriente Médio e do Norte da África, bem como da África Subsaariana (AS), também estão imersas nessas dinâmicas, contrastadas por diferentes interesses e objetivos geopolíticos, que variam de uma região para outra. O fenômeno do terrorismo também tem sido objeto de manipulações políticas por parte de diferentes atores – potências ocidentais e regionais como os Estados Unidos da América (EUA) ou países europeus – a fim de promover os seus próprios interesses e agendas, por exemplo, no Oriente Médio. Esta ideia baseia-se no que fizeram no Afeganistão, supostamente lutando contra a Al-Qaeda e Osama Bin Laden e, depois disso, promovendo a emergência do Estado Islâmico (ISIS) com o objetivo de derrubar o governo de Bashar al-Assad e também na região do Sahel, após a guerra no norte do Mali. Esta problemática, o Islã político, o interesse das potências ocidentais na África e no Médio Oriente foram amplamente analisados por Samir Amin (Amin. Samir, *Mali*. 4 de Fevereiro de 2013).

Neste sentido, não há consenso entre os especialistas, sobre a responsabilidade global na emergência e manipulação deste problema. Os mecanismos de segurança dos EUA e dos seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) “empenhados” na “busca” e “captura” dos possíveis suspeitos de cometerem atos terroristas, fomentaram, por um lado, a islamofobia e, por outro, a ascensão do fanatismo em setores muito pequenos da população islâmica. É por isso que eles associam diretamente

¹ Centro de Pesquisa de Política Internacional, Instituto Superior de Relaciones Internacionales Raúl Roa García. Havana, Cuba. E-mail: yosilglez@yahoo.es

o terrorismo ao Islã, e esta é uma percepção errada. O desenvolvimento de eventos de natureza econômica, sociopolítica e militar, revelou a intenção dos governos dos EUA de manipular o terrorismo a seu favor.

O estudo do terrorismo requer não só uma análise profunda das razões históricas que levaram à formação, ao desenvolvimento e à sustentabilidade do mesmo por meio da exacerbação e exploração do fundamentalismo, mas também a projeção do comportamento político deste fenômeno a curto e médio prazo. O objetivo deste documento é projetar as principais variáveis que determinarão as tendências do terrorismo no caso da África. Com base em um diagnóstico primário da história destes grupos e do seu posterior desenvolvimento, procuramos construir o cenário possível do terrorismo na África Subsaariana, tendo como horizonte o ano 2025: uma análise a curto prazo. Existe um conjunto de variáveis econômicas, sociopolíticas, ideológicas, psicológicas, religiosas, culturais e ambientais internas e externas, relacionadas com interesses nacionais e internacionais, que poderiam explicar as tendências que este problema apresenta na região subsaariana.

O artigo está dividido em: uma estrutura metodológica e teórica para explicar o método prospectivo utilizado e algumas ideias sobre a discussão do terrorismo e como entendê-lo. A segunda parte do artigo foca nos cenários, levando em conta o desenvolvimento de organizações como: Al-Qaeda do Magrebe Islâmico (AQIM) e seus grupos relacionados, Boko Haram (BH) na área em torno do Lago Chade, bem como Al-Shabaab (ALS) no sul da Somália e na fronteira com o Quênia. Concluímos com uma generalização do terrorismo na África – conclusões – e a possível recomendação para resolver este problema.

Estrutura metodológica: análise baseada em cenários

Este estudo foi realizado utilizando o método prospectivo, uma ferramenta metodológica da Matriz de Multiplicação Aplicada a uma Classificação (MICMAC), criada por Michel Godet. Tal ferramenta permite determinar as influências diretas e indiretas entre as variáveis identificadas. Também permite identificar um maior número de relações entre as variáveis e quais destas seriam as determinantes. É também importante ressaltar que este trabalho fez parte de uma ampla pesquisa que implementou uma combinação de metodologias, não apenas aquelas provenientes do processo de construção de cenários, mas também da história, das relações internacionais e da ciência política.

Com esta proposta, a definição das variáveis, sua nomenclatura e conceitualização foram realizadas em uma primeira fase. Em uma segunda fase: a avaliação quantitativa das variáveis foi definida mediante matriz de influências potenciais diretas. Foram determinadas um total de sete variáveis, que contêm outras dimensões de cada variável. A seleção das variáveis não corresponde a uma conceitualização teórica, mas aos elementos levados em conta para sua análise: o que deve ser entendido por cada uma delas. Neste processo de identificação-seleção-definição, foi feito um diagnóstico prévio da situação do terrorismo na África subsaariana. Estas variáveis são apenas uma proposta para fazer a análise e qualquer uma delas poderia ser entendida de diferentes formas.

Lista de variáveis (nomenclatura) e descrição

- 1) **Dinâmica do sistema internacional** (*International System*): Essas dinâmicas são entendidas como o ambiente geopolítico e geoecológico que impactam no desenvolvimento do terrorismo, bem como as situações econômicas e sociais regionais que influenciam a evolução do terrorismo.
- 2) **Nível de institucionalização** (*Institutionalization*): É concebido mediante funcionamento das estruturas internas, da capacidade de espalhá-las a outras regiões e da estabilidade organizacional alcançada pelos grupos e organizações terroristas.
- 3) **Nível de financiamento** (*Financing*): Refere-se à capacidade de autofinanciamento do grupo (cobrança de impostos, subornos ou pagamentos de resgate por sequestros) e a outras receitas resultantes da sua conexão e/ou controle de redes transnacionais de crime organizado (uso de redes de tráfico de drogas, rotas de migrantes e armas). Também são referidos os recursos provenientes de atores políticos e privados, assim como para o comércio ilegal de mercadorias.
- 4) **Capacidade de Recrutamento** (*Recruitment capacity*): Nível de manipulação de fatores ideológicos, incluindo a religião, para atrair adeptos à sua causa, utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (influência da mídia) e/ou outros meios para promover o fanatismo. Esta capacidade de recrutamento é expressa por meio do apoio de determinados setores da população – troca de informação – que se identificam com os seus objetivos e veem

as suas filiações como um meio de subsistência. Por estas razões, eles estão integrados no grupo.

- 5) **Liderança** (*Leadership*): Capacidade de influência de seus líderes individuais e/ou incidência do grupo/organização em níveis local, regional ou internacional.
- 6) **Relações entre grupos/organizações** (*Grupos de Relações*): Dinâmica de conexão entre eles ou nível de autonomia e dependência por intermédio da troca de informações, apoio logístico e capacidade de treinar seus próprios membros ou de treinar terroristas de outras células.
- 7) **Ações violentas** (*Violent actions*): Disponibilidade de armamentos, meios de combate e tecnologia militar para a execução de suas ações terroristas e/ou o confronto contra forças regulares ou contra populações civis.

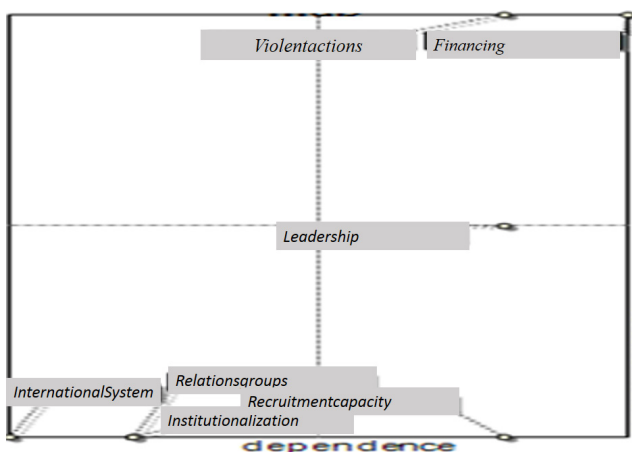
Durante a investigação foram apresentadas várias dificuldades metodológicas relacionadas com a natureza do fenômeno estudado, o número de organizações, a variedade geográfica onde operam e também as possibilidades oferecidas pela própria técnica prospectiva. Houve várias possibilidades para abordar a questão: realizar a análise das variáveis e da matriz para cada organização terrorista, fazê-lo no nível das sub-regiões, ou da terceira variante, relacionada com a análise geral do fenômeno. Dessas três possibilidades, a terceira opção foi escolhida para enfatizar os elementos comuns do terrorismo em cada região e depois indicar a tendência geral a curto prazo.

Desta forma, com os resultados oferecidos pelo MICMAC, a análise desses dados foi feita considerando as particularidades de cada grupo/organização terrorista em seus cenários específicos. Decidiu-se aplicar o método do geral ao particular para ver como cada uma das tendências gerais oferecidas pelo método se adaptava ou não ao caso específico. Isto implicava que os resultados obtidos após a aplicação desta ferramenta de previsão – em relação a uma determinada variável – nem sempre estavam de acordo com a evolução específica do caso. Este é um dos limites que esta ferramenta poderia ter. Apesar disso, os resultados oferecidos pelo MICMAC permitiram uma melhor validação das principais tendências do terrorismo na África.

Quadro 1: Matriz de influências diretas (MID)

Variables	Internationalsystem	Institutionalization	Financing	RECRUITMENTCAPACITY	Leadership	Relationsgroups	Violentactions
1. INTERNATIONALSYSTEM	0	2	3	2	2	3	3
2. INSTITUTIONALIZATION	1	0	3	3	3	2	3
3. FINANCING	2	3	0	3	3	3	3
4. RECRUITMENTCAPACITY	2	2	3	0	3	2	3
5. LEADERSHIP	2	3	3	3	0	2	3
6. RELATIONSGROUPS	3	1	3	3	3	0	2
7. VIOLENTACTIONS	3	3	3	3	3	2	0

Imagem 1: Influência direta potencial/mapa de dependência



Depois de selecionar as variáveis, o próximo passo é completar a Matriz de Influência Direta (MDI). Ela descreve as relações de influências diretas entre as variáveis definidas no sistema. As influências variam de 0 a 3, com a possibilidade de identificar potenciais influências, neste caso: 0 significa nenhuma influência; 1: fraca; 2: moderada e 3: forte influência.

Estes valores foram adotados após várias reuniões com um grupo de especialistas. Para isso, o estudioso tem que se questionar sobre como a variável 1 influencia a variável 2, e assim por diante para o resto das variáveis.

veis. Naturalmente, o nível de influência de uma variável sobre si mesma é zero, por isso você só pode ver uma linha diagonal com números zero. Cada especialista deve preencher a sua própria tabela e depois tem de selecionar o número que está mais representado. Este processo não permite que uma opinião prevaleça sobre as outras.

O programa MICMAC mostrou gráfico acima (Imagem 1) no qual as variáveis estão localizadas em um plano de influência/dependência, o que permite que a análise seja realizada com base nas relações entre as variáveis e sua importância dentro do objeto de estudo. Segundo este gráfico as variáveis de ações violentas, financiamento e liderança são as de maior influência (por isso estão localizadas no topo do gráfico), enquanto o restante das variáveis estão localizadas no final, isto significa que esta variável não tem influência sobre o sistema, e, portanto, as demais variáveis são altamente dependentes.

Levando em conta estes resultados, propõe-se uma análise de cada uma das inter-relações destas variáveis, de acordo com as tendências que as três organizações terroristas mais ativas na região apresentarão até 2025: AQIM, BH e ALS. Neste trabalho é apresentada apenas uma das múltiplas variantes que o MICMAC pode oferecer. É importante notar que este resultado não pode ser tomado literalmente, porque cada grupo se comporta de maneiras distintas. Este gráfico é apenas uma proposta geral de acordo com os valores que os especialistas adotaram e pode ser modificado de acordo com o contexto.

Quadro 2: Principais três organizações terroristas africanas e a correlação com as variáveis

Grupos variáveis	Al-Qaeda do Magreb Islâmico (AQMI)	Boko Haram (BH)	Al-Shabaab (ALS)
Dinâmicas do Sistema Internacional	Não teve impacto direto na ascensão da AQMI, exceto em contextos conjunturais, dos quais beneficiou, como os que ocorreram após a intervenção da OTAN na Líbia em 2011. As situações políticas da sub-região, têm muita influência sobre o desenvolvimento da organização.	As dinâmicas do sistema internacional também não têm uma influência direta no desenvolvimento do terrorismo.	A geopolítica sub regional do Chifre da África tem uma influência marcante na evolução do terrorismo, por conta das ações dos governos da região.
Nível de Institucionalização	Tem baixo nível de institucionalização.	Enfrenta uma maior fragmentação e desinstitucionalização, mas este processo não pode ser associado ao seu desaparecimento.	ALS apresenta sérias dificuldades no funcionamento das suas estruturas. Não está em condições de externalizar estas estruturas fora das fronteiras da Somália. O grupo não tem uma estabilidade organizacional.
Nível de financiamento	Vem do controle de redes criminosas transnacionais, sequestros de cidadãos ocidentais e resgates.	Depende do controle das redes de tráfico internacional - armas, drogas e recursos humanos e outros, provedores de atores políticos e privados.	Auto-financia-se a partir da cobrança de impostos e subornos e também recebe outras receitas da diáspora somali e do controle de outras atividades criminosas transnacionais.
Capacidade de recrutamento	Baseia-se em fatores econômicos e não tanto na convicção ideológica dos seus novos membros.	O seu apoio social é consideravelmente reduzido, o que se traduz na necessidade deste grupo realizar recrutamentos forçados da população civil, por via de rapto, casamento obrigatório e o uso de mulheres e crianças em “ataques suicidas”.	Caracteriza-se pela combinação de fatores voluntários e obrigatórios. Para muitas pessoas a ALS é uma alternativa para a sua subsistência econômica: receber um salário, um estatuto social e até uma esposa.

Grupos variáveis	Al-Qaeda do Magreb Islâmico (AQMI)	Boko Haram (BH)	Al-Shabaab (ALS)
Liderança	É exercida fundamentalmente pela sua componente de origem árabe, embora haja um aumento no aparecimento de líderes de origem negro-africana, especialmente nas células menores.	A eliminação física dos líderes terroristas não significa um enfraquecimento do grupo, uma vez que a tendência indica que eles são substituídos imediatamente.	A capacidade de influência dos seus novos líderes é muito fraca, assim como a incidência do grupo em níveis local e sub-regional.
Relações entre grupos/organizações	- Al-Qaeda - Estado Islâmico no Grande Saara (ISGS) - Movimento Islâmico Ansaroul pela Unidade e Jihad na África Ocidental (MUJAO) - Frente de Libertação de Macina (MLF) - Ansar al Dine - Al-Mourabitum - Frente de Apoio ao Islã e aos Muçulmanos (Jama'at Nusrat al Islam Wal Muslimin, JNIM) - Boko Haram	- Estado Islâmico (ISIS) - Estados islâmicos na África Ocidental (EIAO) - Ansaru - Vanguardas para a Proteção dos Muçulmanos na África Negra - quando foi separado de Boko Haram em 2012.	Há uma redução na dependência da ALS em relação à Al Qaeda As relações com a Al Qaeda da Península Árabe (AQAP) estão estagnadas. O Estado Islâmico (ISIS) criou fissuras dentro do grupo, mas a ALS executa o acusado de ser pró-Estado Islâmico.
Ações violentas:	Eles operam na região Trans-Sahariana: Mali, Níger, e Burkina Faso. Houve um aumento das ações de algumas das suas células nas zonas limítrofes do Mali e Burkina Faso. Eles usam carros-bomba, explosivos improvisados, emboscadas, colocação de minas e ataques contra postos de controle nas estradas.	Realiza-se nos arredores do Lago Chade: norte da Nigéria - estado de Borno - e países limítrofes. Há uma redução de seu teatro de operações militares e a perda do controle efetivo de territórios e cidades.	Atua no sul da Somália e na fronteira com o Quênia contra a AMISOM e as forças quenianas nas regiões de Gedo e Alto Jubba. Eles usam carros-bomba, e dispositivos explosivos improvisados.

Enquadramento teórico: compreensão do terrorismo

Por meio de um poderoso e bem concebido equipamento de comunicação, a chamada guerra contra o terrorismo é apresentada, pelos países ocidentais, como um método de “proteção e salvação” contra as suas ações. Esta propaganda omite as verdadeiras causas por detrás do aumento de fenômenos como a pobreza, insegurança e desigualdades sociais causadas pela aplicação de programas de ajustamento estrutural na África. Este fenômeno começou a afetar os países africanos nas últimas duas décadas. Regiões como o Chifre da África e o Sahel, que inclui territórios da África Ocidental e Central, tornaram-se áreas de atenção e eixos centrais da chamada luta contra o terrorismo no continente, devido à manutenção das ações de grupos extremistas como a ALS (desde 2006), a AQMI (desde 2007) e o Movimento para a Unidade da Jihad na África Ocidental (MUYAO desde 2012) no Sahel Ocidental e BK no Norte da Nigéria (desde 2009).

As ações destas organizações estão concentradas contra as instituições governamentais dos países da região, contra as populações nacionais – vítimas civis –, e da mesma forma, contra os interesses estrangeiros, principalmente europeus: atividades de sabotagem de propriedades de empresas transnacionais e sequestros de turistas europeus. Devido à forte manipulação a que estão sujeitos, todo movimento político-militar que surge na região é quase automaticamente classificado como terrorista se não responder aos interesses de potências extra-regionais ou regionais.

Este problema levou à adoção de iniciativas institucionais no quadro da ONU, no qual foi criado o Comitê Antiterrorismo, com base nas disposições das resoluções 1373 (2001) e 1624 (2005) do Conselho de Segurança. Seu objetivo era fortalecer as capacidades dos Estados membros para combater as atividades terroristas dentro de suas fronteiras e em todas as regiões. O Comitê de Combate ao Terrorismo e sua Direção Executiva tiveram a responsabilidade de acompanhar a implementação das resoluções do Conselho de Segurança. Posteriormente, o Secretário-Geral da ONU criou em 2005 a Equipe Especial de Combate ao Terrorismo e, em 8 de setembro de 2006, a Assembleia Geral aprovou a Estratégia Global contra o Terrorismo. Foi a primeira vez que os Estados chegaram a um acordo sobre um quadro global para enfrentar este flagelo.

Sob os auspícios das Nações Unidas e outras organizações intergovernamentais, foram desenvolvidos e aprovados 16 instrumentos jurídicos universais, nomeadamente 11 convenções, 4 protocolos e uma emenda. A maioria destes instrumentos está em vigor e constitui o quadro legal para

a adoção de medidas multilaterais de combate ao terrorismo, bem como a criminalização de atos específicos de terrorismo, incluindo o desvio de aviões, a tomada de reféns e os atentados cometidos, com bombas e seu financiamento².

Neste contexto, as potências ocidentais começaram a classificar certos países como “patrocinadores” do terrorismo para justificar ações de pressão internacional e intervir nos assuntos internos daqueles governos que não tinham capacidade para lidar com esses grupos e assim alcançar certos objetivos, tais como mudanças de governo, por exemplo, no Iraque, Afeganistão e Líbia. Da mesma forma, desenvolveram listas de organizações classificadas por eles como terroristas, que suscitam um forte debate entre acadêmicos e políticos sobre como definir o que é terrorismo.

Para a professora cubana Elsie Plain Rad Cliff (2011), o terrorismo é a aplicação da violência indiscriminada que pode ser estendida a toda a população e, na maioria dos casos, leva os civis como alvo dos seus ataques. Suas ações são imprevisíveis devido à surpresa com que sempre agem, o que contribui para: incutir terror; produzir sofrimento desnecessário ao atingir as áreas mais vulneráveis da sociedade; utilizar-se de reféns e escudos humanos para alcançar o que propõem. Entre os métodos mais utilizados estão o uso de violência física indiscriminada contra civis, por vias de tortura, sequestro, execução extrajudicial ou desaparecimento. Na ordem tática eles podem adotar um esquema baseado na realização de ataques com explosivos ou outros meios incendiários para a destruição de bens privados e públicos (Cliff 2011, 101-115). Um terrorista é um indivíduo que age contra civis usando métodos ilegais para atingir um objetivo político.

Tudo isto tem sido evidentemente complicado com as 19 convenções contra o terrorismo e resoluções adotadas pelo Conselho de Segurança, com exceção das resoluções 1269 (1999) e 1566 (2004), onde se indica que, independentemente da sua motivação, nenhum ato terrorista é justificável. Desta situação decorre a complexidade de estabelecer uma definição de terrorismo, devido à falta de consenso por parte da comunidade internacional e dependendo de quem o está avaliando. Este problema também tem servido para aumentar o nível de conflito nas relações internacionais e, ao mesmo tempo, a militarização das mesmas, devido ao aumento dos orçamentos militares para

2 Estes instrumentos são complementados pelas seguintes resoluções da Assembleia Geral: (A / RES / 49/60, A / RES / 51/210 e A / RES / 60/288) e o Conselho de Segurança: S / RES / 1267 (1999), S / RES / 1373 (2001), S / RES / 1540 (2004), S / RES / 1566 (2004) e S / RES / 1624 (2005). Veja: Ações das Nações Unidas contra o terrorismo. Disponível em: <http://www.un.org/spanish/terrorism/strategy-implementation.shtml>.

“confrontar” as ações de grupos hostis aos interesses dos países capitalistas desenvolvidos e seus aliados regionais.

Por sua vez, a União Africana (UA) e suas organizações sub-regionais não ficaram para trás, mas foram pioneiras na implementação de mecanismos legais para combater o terrorismo. Um ano após os ataques às embaixadas dos EUA em Nairóbi (Quênia) e Dar es Salaam (Tanzânia) na África Oriental, em 1998, a Organização para a Unidade Africana (OUA) tinha adotado, na sua 35ª Cimeira, realizada em Argel (Argélia), em Julho de 1999, a Convenção sobre a Prevenção e a Luta contra o Terrorismo. Este documento constituiu um marco, pois foi o primeiro instrumento legislativo feito para o seu confronto.

Esta convenção de 1999 foi seguida pelo Protocolo da OUA para a prevenção e combate ao terrorismo (Protocolo da Convenção da OUA sobre a prevenção e combate ao terrorismo 2004, 2). Os passos seguintes que evidenciaram o compromisso africano na luta contra o terrorismo foram expressos na Cúpula de Dacar (Senegal), em outubro de 2001, onde foi adotada a Declaração de Dacar contra o terrorismo. Depois foi aprovado o Plano de Ação para a Prevenção e Combate ao Terrorismo, numa Cúpula Intergovernamental de alto nível desenvolvida na Argélia, em setembro de 2002. Em 2002, a recém-criada UA tinha adotado o Plano de Ação para a Prevenção e Combate ao Terrorismo e, subsequentemente, com a implementação do Conselho de Paz e Segurança, como órgão dirigente para as questões de conflito, o aparelho institucional foi reforçado na luta contra o terrorismo. Um passo importante foi a criação do Centro Africano de Estudos e Pesquisa sobre Terrorismo (CAEPT), cuja sede se situa em Argel, na Argélia.

Para efeitos deste artigo, vamos adotar o conceito de terrorismo aprovado pela OUA em 1999, em Argel, que constitui o primeiro instrumento de compreensão do terrorismo na região. Este princípio também foi abraçado pela UA após a sua criação em 2002. A principal contribuição desse conceito foi uma definição ampla de terrorismo sem a qualificação de islâmico e a diferenciação entre atos terroristas e as ações desenvolvidas por grupos em sua luta pela autodeterminação. De acordo com a Convenção da OUA sobre a Prevenção e Combate ao Terrorismo, um *ato terrorista* é:

“qualquer ato que constitua uma violação da legislação penal de um Estado-membro e que possa colocar em perigo a vida, a integridade física ou a liberdade de qualquer pessoa, número ou grupo de pessoas ou causar danos à propriedade pública ou privada, aos recursos naturais, ao patrimônio ambiental ou cultural, e que seja calculado ou destinado a causar: intimidar, impor medo, forçar, coagir ou induzir

qualquer governo, órgão, instituição, o público em geral ou qualquer segmento dele, a fazer ou abster-se de fazer qualquer ato, ou adotar ou abandonar um ponto de vista particular, ou agir de acordo com certos princípios; ou interromper qualquer serviço público, a prestação de qualquer serviço essencial ao público ou criar uma emergência pública; ou criar uma insurreição geral num Estado” (Convenção da OUA sobre a Prevenção e Combate ao Terrorismo 1999, 2-3).

Uma definição exata que caracteriza as ações dos grupos que operam na África é a oferecida pelo professor espanhol Fernando Reinares (2005) em seu conceito de *terrorismo transnacional*. Reinares afirma que o terrorismo transnacional:

“é aquele que de uma forma ou de outra atravessa as fronteiras estatais, basicamente porque quem o executa mantém estruturas organizacionais ou desenvolve atividades violentas em mais de um país, geralmente incluindo territórios sobre os quais não têm jurisdição as autoridades (...) Isto significa que os atos de violência envolvem mais de um país e muitas vezes indivíduos de duas ou mais nacionalidades, tanto em termos de terroristas como de suas vítimas” (Reinares 2005, 48).

Terrorismo na África: tendências futuras

O terrorismo na África subsaariana apresenta características diferentes daqueles que ocorrem na região do Oriente Médio. Neste sentido, as variantes mais extremas, que mais tarde se tornaram terroristas, têm sido percebidas como elementos externos, exógenos às realidades africanas e, portanto, têm tido uma rejeição quase generalizada por parte da população e não têm sido capazes de se espalhar para outras regiões, exceto pelo uso da força. Por estas razões, não é possível que certas células terroristas na República Democrática do Congo e no norte de Moçambique possam intensificar as suas ações militares. Deve-se notar que um elemento distintivo entre os grupos radicais que atuam no Oriente Médio e os que operam na África Subsaariana é o fato de, nas suas origens, o segundo, não ter usado métodos terroristas.

Isto significa que grupos como BH e ALS começaram, no seu início, como grupos que fizeram exigências políticas e socioeconômicas aos governos locais e mais tarde se radicalizaram. No caso da AQIM, os seus ramos saarianos que eram controlados por árabes argelinos e negros-africanos foram excluídos das funções de liderança, embora anos após a situação começar

a mudar (Filiu & Jean Pierre 2012; Furuhashi & Yoshie 2012). Assim, esta organização foi apresentada como uma organização não genuína da região subsaariana e isto causou contradições iniciais entre as diferentes facções, ou *katibas*. Entre outras diferenças pode ser mencionado o fato de não terem sido financiadas por potências ocidentais ou governos regionais, como fizeram no Oriente Médio. O seu proeminente caráter inter-étnico tem sido um fator que tem limitado a maior propagação das suas redes para outras áreas.

Al-Qaeda do Magreb islâmico e a sua ação transaariana

A permanência do ativismo terrorista em 2025 continua a ser uma particularidade da zona do Sahel-Saara. Embora as tentativas de estabilização de governos como Argélia, Mali e Níger possam ganhar reconhecimento e eficácia na área, a relativa autonomia desta organização sugere que a insegurança e a instabilidade continuarão a ser uma condição desejada pelos grupos que mantêm o seu controle sobre as principais zonas vulneráveis.

Embora não seja possível negar o impacto tradicional das dinâmicas do sistema internacional, mesmo na África Subsaariana, estas não tiveram um impacto direto na ascensão da AQIM, exceto em contextos conjunturais, dos quais se beneficiou, como os que ocorreram após a intervenção da OTAN na Líbia em 2011 (Amin. Samir., Mali. 4 de Fevereiro de 2013). Neste sentido, as situações políticas da sub-região têm muita influência no desenvolvimento da organização, porque a maior ou menor coordenação dos governos da área permitirá o seu enfraquecimento ou fortalecimento. Se as políticas forem mantidas pela Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS), o cenário possível levará a uma redução deste grupo. A tendência aponta para uma maior articulação das políticas antiterroristas dos governos da região para enfrentar este grupo transnacional. Por outro lado, as relações entre os diferentes grupos terroristas que operam sob a égide da AQIM permanecerão difusas. Entretanto, a grande fragmentação experimentada pela organização nos últimos anos corresponde mais a uma estratégia adotada por eles do que a um maior enfraquecimento, já que a constante recomposição de suas forças internas dificulta sua efetiva erradicação.

Portanto, a organização continuará liderando um grupo amplo e cada vez mais volátil de células e grupos terroristas que operam na região transaariana mais ampla. Por sua vez, manterá a linha estabelecida pela Al-Qaeda, enquanto as divisões dos líderes ligados aos remanescentes do Estado Islâmico (ISIS) não têm um desenvolvimento positivo na área. Somente neste

sentido se pode entender que o nível de institucionalização e liderança da organização funcionam como variáveis muito influentes no desenvolvimento do terrorismo no Sahel.

A liderança dentro deste grupo está dispersa, o que responde aos níveis de fragmentação da organização. Isto continua a ser exercido fundamentalmente pela sua componente de origem árabe, embora haja um aumento da emergência de líderes de origem negra-africana, especialmente nas células menores. Esta fragmentação não pode ser confundida com um baixo nível de institucionalização, já que cada uma das células continuará a responder ao comando central da AQIM que ainda está localizada nas montanhas argelinas da região de Kabylia (Oumar, Jemal e Bakari Gueye 2013).

Da mesma forma, a capacidade de recrutamento da organização é produzida como uma dimensão altamente dependente e com pouca influência. As unidades que compõem a AQIM parecem subordinar o recrutamento às necessidades de expansão de seus membros, como resultado das ofensivas militares lançadas pelos governos da região, que sem dúvida afetaram seu ativismo. No recrutamento deste grupo continuarão a ter um peso fundamental os fatores econômicos e não tanto a convicção ideológica dos seus novos membros. Isso significa que o Islã, ao contrário da crença popular, não será o principal fator para o recrutamento. A crise socioeconômica nas regiões onde opera continua a ser a principal razão pela qual os potenciais novos recrutas estão ligados às redes AQIM, como forma de “trabalho” e obtenção de “rendimentos” devido à sua ligação com outras redes criminosas transnacionais.

Terrorismo em torno do Lago Chade: Boko Haram

O panorama da segurança na zona do Sahel permanece muito instável em 2025 devido à manutenção das ações dos grupos terroristas – a maioria deles reconfigurados – pelo que este fenômeno persistirá dentro das agendas dos governos direta ou indiretamente afetados por suas ações. Um dos pontos nevrálgicos deste terrorismo continuará localizado em torno da área do Lago Chade com um epicentro localizado no norte da Nigéria e com ramificações específicas para os países limítrofes.

No caso da região do Sahel, a dinâmica do sistema internacional também não tem influência direta no desenvolvimento do terrorismo, porque sua solução não está dentro das prioridades das potências ocidentais, apesar da retórica que é usada pela França e pelos Estados Unidos em relação à “luta contra o terrorismo”.

Apesar da situação socioeconômica adversa nessas regiões, essa variável não terá influência direta no desenvolvimento dessa questão, devido à rejeição que geram nas populações locais, como resultado das consequências negativas que suas ações têm provocado nos últimos anos. Este contexto econômico também não lhes permite estender-se a outras regiões para “legitimar” seu discurso político “antissistêmico”. Seu apoio social é consideravelmente reduzido e não podem “satisfazer” as demandas das populações em termos econômicos. O discurso dos líderes de BH não consegue acrescentar novos seguidores. Eles só podem fazer isso mediante coerção.

Neste sentido, o programa MICMAC mostrou que a capacidade de recrutamento é uma variável altamente dependente, o que se traduz na necessidade de este grupo realizar recrutamentos forçados da população civil mediante sequestros³, casamentos compulsórios e o uso de mulheres⁴ e crianças⁵ como “homens-bomba”. A sua incapacidade de recrutar está também relacionada com a perda do apoio social, como já foi mencionado anteriormente. No entanto, o grupo manterá essa tática de recrutamento forçado, que terá um impacto indireto sobre a evolução futura do terrorismo. O mercenarismo, alimentado por outros atores, como outra forma de entrar em suas células terroristas, não é representativo no caso de BH, nem o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para fomentar o fanatismo religioso ou fortalecer o “apoio” de outros setores da população. As amplas bases sociais formadas em torno deste grupo são ainda mais desmanteladas e não têm as mesmas características que nos anos iniciais da sua criação.

3 Segundo a *Human Rights Watch*, Boko Haram raptou 2.000 meninas e mulheres desde 2009, que foram sujeitas a estupro, trabalho e casamento forçados. No entanto, estes números são apenas aproximados porque não se pode determinar quantas foram sequestradas. Segundo a Fundação para a Defesa das Democracias (FDD), desde 2014 já houve pelo menos 123 mulheres “suicidas” ligadas a BH, a maioria delas forçadas. Veja: As mulheres de Boko Haram: impelidas ao extremismo. Disponível em: <http://www.dw.com/en/the-women-of-boko-haram-driven-to-extremism/o4>

4 Um relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) indica que o número de crianças que são usadas por Boko Haram como bombistas suicidas aumentou entre 2014 e 2015. Até fevereiro de 2016, um dos cinco atentados à bomba foi perpetrado por uma criança, por 19%, enquanto 18% foi levado a cabo por mulheres. O relatório também dá conta dos problemas relacionados com o acolhimento de mulheres que foram violadas, raptadas e forçadas a se casar com um membro do grupo. Estas mulheres são rejeitadas nas comunidades quando tentam voltar a participar das suas atividades diárias (Duvillier 2016, 2-4).

5 De acordo com o relatório da UNICEF, BH emprega cada vez mais crianças como bombistas suicidas. No primeiro trimestre de 2017, o número triplicou em relação ao mesmo período do ano anterior, chegando a 27, segundo Marie-Pierre Poirier, diretora regional da UNICEF para a África Ocidental e Central. Durante os últimos três anos, 117 crianças foram empregadas para realizar atentados bombistas na bacia do Lago Chade. Cerca de 80% dos ataques foram perpetrados por meninas (Cubadebate 2017, 1).

O MICMAC ofereceu como resultado o fato de que as relações entre os grupos e o nível de institucionalização são variáveis autônomas que têm uma influência indireta no desenvolvimento do terrorismo, especialmente no caso da institucionalização. Isso se explica pelo fato de que, na maioria dos casos, se o grupo for mais fragmentado e supostamente “desarticulado”, será mais difícil ser capaz de implementar políticas precisas para sua erradicação total. Esta fragmentação dentro do grupo – da qual BH também se apropriou – corresponde mais a uma estratégia para operar com maior capacidade do que a um sinal de enfraquecimento.

As ligações entre as organizações (Boko Haram-ISIS, Boko Haram-AQIM) em termos de troca de informações, apoio logístico e capacidade de treinar terroristas a partir de suas células não foram eficazes e, portanto, não foram uma garantia para o sucesso de suas ações. Este fato reafirma a tendência de que, diante de uma maior fragmentação e desinstitucionalização do grupo, estas ligações serão cada vez mais reduzidas e estarão mais no nível de retórica discursiva. As diferentes células que compõem BH atingem um maior nível de autonomia na medida em que o grupo tende à sua desintegração⁶, mas este processo não pode ser associado ao seu desaparecimento.

A dispersão das células terroristas e a pequena ligação social da “insurgência” com seus líderes dificulta o controle sobre o grupo. Segundo o professor nigeriano Mohammed Kyari, do estado de Adamawa, BH é um grupo de células que operam sob uma única bandeira e que as fraturas dentro do grupo correspondem à forma como operam (Matfess 2016, 1). Esta tendência, provavelmente, continuará. Portanto, a “faccionalização” do grupo tem um impacto negativo sobre a possibilidade de erradicá-las completamente. Isto se deve ao fato de que a emergência de facções rivais também provoca confrontos entre estas e as forças regulares. Além do desafio da dispersão, a luta das facções é um problema adicional, especialmente se for feita uma tentativa de produzir um processo de negociação. Hilary Matfess (2016), pesquisadora americana sobre questões de governança e segurança na África Subsaariana, apresenta três cenários relacionados com o processo de divisão dentro de Boko Haram:

1) Desenvolvimento da violência entre as facções (Shekau vs Barnawi). Ao contrário do que se imagina, essas contradições não significarão o fim da “insurgência”, mas serão mais confrontos mortais para a população civil.

6 Boko Haram tinha-se autodenominado Província da África Ocidental do Estado Islâmico (ISWAP) em 2015, como prova das suas ligações com o Estado Islâmico. No início de agosto de 2016, o Estado islâmico havia nomeado Abu Musab al-Barnawi como o novo “wali” do grupo, “substituindo” Abubakar Shekau. Isso provocou uma forte polêmica dentro do grupo em matéria de liderança e o surgimento de duas facções antagônicas

2) Uma maior divisão antes da sua completa eliminação: este cenário é mantido no destino de Ansaru – Vanguardas para a Proteção dos Muçulmanos na África Negra – quando foi separado de Boko Haram em 2012. Em abril de 2016, o governo nigeriano anunciou a captura de Khalid al-Barnawi (Watkinson. W. 2016, 1), depois de vários anos sem grandes operações terroristas, por isso foi assumido o fim de suas atividades.

3) Coexistência e dualidade na insurgência terrorista: neste cenário, a facção ligada ao Estado Islâmico se consolida como um grupo e desenvolve suas capacidades para realizar ações militares e terroristas (Matfess 2016, 1).

Nos três cenários, está presente a ideia de fragmentação e reconfiguração do próprio grupo BH, bem como das células ou facções ligadas ao grupo. Nenhum desses três cenários sugere o fim das ações terroristas em torno do Lago Chade. Portanto, continuará a ser um problema de segurança para a área. O nível de institucionalização – entendido como o funcionamento correto das estruturas internas e a estabilidade organizacional – é uma variável que tem uma forte relação com o financiamento do grupo, pois permite a criação de novas estruturas e o fortalecimento das já existentes. Embora seus líderes consigam reverter esse processo de regressão grupal, em questões organizacionais, essa variável não terá forte influência na evolução do terrorismo, pois a institucionalização, por si só, não é garantia de sucesso. Da mesma forma, BH não tem capacidade de exportar suas estruturas organizacionais, ou seja, de expandir sua rede para outras regiões além de suas áreas tradicionais de atuação.

A tendência em termos de financiamento do terrorismo na zona do Sahel aponta para a continuidade de sua dependência do controle das redes de tráfico internacional – armas, drogas e pessoas. No caso de BH, seus recursos foram reduzidos para manter suas capacidades militares e logísticas, mas isso não significa que eles ainda não tenham capacidade de “autogestão”⁷. Os recursos provenientes de atores políticos e privados – relacionados com as suas táticas – não atingem os números mostrados nos anos iniciais do grupo. Esta situação deve também ter repercussões na diminuição das suas

7 Segundo um relatório apresentado ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, as duas principais facções de BH apresentam sérias dificuldades financeiras e não estão em condições de “pagar” aos seus combatentes os seus “salários” mensais. A maioria dos ataques recentes é motivada pela necessidade de comprar suprimentos, incluindo alimentos. O relatório conclui que o grupo como um todo está enfrentando uma grave crise financeira. Veja: Gaffey. C. (2017). Boko Haram Factions ‘Cannot Pay Fighters’ Salaries: ONU

capacidades de recrutamento ou no aumento das deserções, que já se verificaram. Eles também foram promovidos pelas autoridades⁸.

A *liderança*, entendida como a capacidade de influência dos seus líderes, é outra das variáveis motrizes e depende do carisma das pessoas que estão à frente das células que compõem o grupo. Se este componente for mantido, os líderes de BH continuarão a ter uma forte influência no desenvolvimento do grupo, apesar das lutas internas de interesse que apontam para posições pessoais. Desta forma, a liderança é exercida em diferentes níveis. Por exemplo, em nível local, é muito pequena, enquanto em níveis regional e internacional é praticamente inexistente, mesmo com a “divulgação” dos vídeos mostrando suas ações e os postulados de seu programa político. Ao mesmo tempo, ainda existem fortes contradições entre os líderes das diferentes facções de BH. A eliminação física dos líderes terroristas não significa um enfraquecimento do grupo, pois a tendência indica que eles são substituídos imediatamente.

As *ações violentas* têm uma forte dependência das capacidades militares do grupo e têm uma influência considerável no seu posicionamento – controle de aldeias e áreas – por via de ações militares. Com respeito a Boko Haram, a redução do teatro de operações militares e a perda do controle efetivo de territórios e cidades continuará ocorrendo. O grupo manterá a sua tendência para a retirada e dispersão. Num futuro próximo, eles perderão capacidade de confronto contra as forças regulares da Nigéria⁹ e outros exércitos locais vindos dos países vizinhos, como o Níger¹⁰ ou Camarões. Também perderão sua capacidade de realizar operações de grande escala nas áreas recuperadas pelas forças armadas nacionais.

Esta situação levou-os a reforçar os ataques contra alvos mais fáceis – como a população civil – mediante ataques suicidas, evitando confrontos diretos contra as forças regulares. Portanto, pode-se argumentar que as ofensivas militares dos governos locais reduziram sua capacidade de realizar ações

8 O Exército Nigeriano lançou a Operação Corredor Seguro com o objetivo de permitir que militantes arrependidos de BH entrem nos campos de reabilitação como parte de um programa para reintegrá-los à sociedade. Veja: Gaffey C. (2016). Boko Haram: 2.000 prisioneiros libertados pela Força Regional enquanto a Nigéria lança o Programa de Reabilitação.

9 As Forças Armadas Nigerianas aumentaram sua presença na área da Floresta Sambisa no estado de Borno e dominam a área desde dezembro de 2016.

10 Os sucessos militares dos exércitos nacionais continuam a ocorrer. Um dos exemplos foi a derrota de BH em abril de 2017 pelo Exército Nigeriano na região sul de Diffa, na fronteira com a Nigéria, onde, como resultado da contra-ofensiva do Exército, 57 membros de BH foram eliminados e um grande parque militar foi apreendido. O Ministro da Defesa felicitou as Forças de Segurança. Veja: Sridharan. V (2017). As forças do Níger matam dezenas de muçulmanos de Boko Haram na contra-ofensiva.

armadas convencionais contra as forças de segurança, a transnacionalização de suas ações é cada vez menor e esporádica, um exemplo de seu recuo na ordem militar. Apesar disto e do inevitável processo de fragmentação interna, eles mantêm o seu poder militar.

O Chifre da África e o terrorismo da Al-Shabaab

A região do Chifre da África até 2025 continua sob a ameaça de ações terroristas da organização somali Al-Shabaab (ALS). Os países mais afetados serão a Somália, onde a maior parte da organização está concentrada, e o Quênia, um de seus principais objetivos. A situação na Etiópia, Djibuti e Eritreia é substancialmente diferente, mas no caso da Etiópia, embora não tenham realizado ataques no seu território, continua a ser um desafio para a sua segurança nacional. Esta situação explica que o ambiente geopolítico da sub-região continuará a ser diferenciado pela questão da luta contra o terrorismo e pela instabilidade que este provoca.

Da mesma forma, a geopolítica sub-regional terá uma influência notável na evolução do terrorismo, porque as ações dos governos da região contribuem, por um lado, para a sua erradicação, mas, por outro, legitimam o discurso de combate às interferências externas na área, como afirma o grupo. Um dos pontos dentro do programa político da ALS é a “luta” contra as tropas estrangeiras, entre as quais se encontram as da Etiópia e do Quênia como parte da AMISOM (Missão da União Africana para a Somália). Logo, ao contrário do resultado oferecido pelo MICMAC em relação à variável relacionada com a situação internacional, a dinâmica política sub-regional aqui tem uma importância primordial na evolução do terrorismo.

Um elemento que tem sido característico deste tipo de grupos tem sido o fato de “jurar” fidelidade a organizações maiores, como a Al-Qaeda e ao ISIS. Neste sentido, as relações da ALS com a Al-Qaeda central até 2025 não são suficientemente fortes para “impulsionar” a organização e aumentar a sua projeção sub-regional. A própria Al-Qaeda está passando por um período de crise institucional e perda de liderança dentro das organizações terroristas, portanto isso terá um impacto negativo sobre sua capacidade de unir outros grupos, como a ALS. Há uma redução na dependência da ALS em relação à Al-Qaeda, assim como a capacidade de realizar trocas de informação, apoiar logisticamente e treinar membros de suas células. As relações com a Al-Qaeda da Península Arábica (AQAP) estão estagnadas, especialmente em termos de apoio mútuo na formação dos seus membros, tal como existia antes.

Por outro lado, as relações com outros grupos ou organizações são igualmente fracas, precisamente por causa do processo de declínio que está ocorrendo dentro do terrorismo na região. O ISIS não consegue incorporar a ALS ao seu eixo de influência, mas tem criado fissuras dentro do grupo¹¹. Neste sentido, a ALS é obrigada a alcançar um maior grau de autonomia em termos de sua “estratégia” de luta como única forma de “fortalecer” seu programa político e não mostrar uma imagem de exclusão ou marginalização dentro das redes do terrorismo internacional.

Há uma evidência de que pode haver mais apoiadores do ISIS no sul da Somália, mas o controle exercido pela ALS não permitiu que eles se articulassem. Isto indica a incapacidade da ALS de neutralizar os apoiantes do ISIS dentro da organização. Para este fim, os “serviços secretos” da ALS - Amniyat - têm feito “prisões” de membros do grupo por suspeita de terem uma inclinação para o ISIS. A Amniyat continua com sua capacidade de realizar trabalho de inteligência, por meio de uma ampla rede de apoiadores, informantes e espiões que estão espalhados por todo o país. Eles também têm a possibilidade de se infiltrar nas estruturas governamentais, bem como no Exército Nacional da Somália (SNA) (Serviço de Imigração Dinamarquês 2017, 10).

As contradições levaram a ALS a executar o acusado de ser pró-Estado Islâmico¹². Não há clareza quanto às possibilidades de que esta facção continue a evoluir, nem quanto ao número de membros que possam estar disponíveis. Como muitas vezes acontece, as ligações com o ISIS no Oriente Médio não são diretas, mas fazem parte da retórica para atrair a atenção internacional. Esta fraqueza na sua “projeção” internacional é também um reflexo dos problemas dentro do grupo. ALS continua a apresentar sérias dificuldades no funcionamento das suas estruturas de gestão devido às lutas entre os seus líderes relativas às estratégias, métodos e objetivos a serem seguidos pelo grupo. Também não está em condições de externalizar estas estruturas fora das fronteiras da Somália, precisamente por causa das políticas adotadas pelos principais atores regionais na sua luta contra o terrorismo:

¹¹ A 25 de Outubro de 2015, Abdiqadir Mumin, que era um dos “líderes espirituais” da ALS, deixou o grupo para prestar uma homenagem ao ISIS. Esta nova franquia liderada pela Mumin tem seu centro de operações nas montanhas Galgala, na região de Puntland, no nordeste da Somália, fora da zona tradicional de influência da ALS. Em abril de 2016 eles se tornaram oficiais como *Jahba East Africa* e em outubro do mesmo ano eles realizaram seu primeiro grande ataque contra Qandala, uma cidade portuária em Puntland. Veja: Reid. G. (2017). Militantes em ascensão: Ambições do Estado Islâmico na África Oriental.

¹² Sheikh Hussein Abdi Gedi era um comandante veterano da ALS e “governador” da região do Baixo Jubba que foi morto depois de tentar recrutar militantes da ALS e formar uma milícia pró-IS na área de Kismayo. Veja: Platt. S. (2017). Al-Shabaab update: fevereiro de 2017.

a Etiópia e o Quênia. Na fronteira queniana e devido à forte presença de refugiados somalis, eles conseguem transplantar algumas das suas células e redes de apoio, mas também não são significativos. Como consequência, o grupo não tem uma estabilidade organizacional, o que é evidente na contínua transformação dos seus comandos e líderes, como resultado também da sua eliminação, pelos ataques seletivos de drones levados a cabo pelos Estados Unidos e pelas ações da AMISOM¹³.

Um dos problemas que a ALS continua a enfrentar é o das deserções. As principais estão ocorrendo entre os militantes mais jovens como parte de um crescente descontentamento na liderança, especialmente dos militantes não somalis, os chamados combatentes estrangeiros. O grupo precisa desses membros para dar maior legitimidade à sua luta “jihadista” (Kriel. R. e Duggan. B. 2017, 1). Aqueles que deixam o grupo também o fazem por razões de políticas de anistia que têm sido implementadas pelo governo somali como outra forma de desmantelá-los¹⁴. Esta variante não terá um efeito generalizador devido à retaliação da ALS contra todos aqueles que se resignam do grupo¹⁵. O processo de institucionalização experimentado pelo país após as eleições de 2012 e 2016 também facilitou a redução da ALS¹⁶. Isto também irá contribuir para a consolidação das autoridades locais e regionais.

As relações de alianças são muito difusas devido à complexidade do quadro de clã e “sub-clã”. Como parte das redes de apoio da ALS, existem também relações com os chefes dos clãs minoritários e suas respectivas milícias, principalmente na parte sul do país. Estas ligações permitem o avanço do grupo, o acesso aos abastecimentos e o recrutamento. Ao mesmo tempo, existem milícias que se opõem à presença militar da ALS; por conseguinte, este elemento deve ser visto região por região e é modificado com o passar

¹³ De acordo com relatórios da AMISOM, vários líderes da ALS foram eliminados. Veja: Reuters. (2016). Missão da UA diz que vários comandantes da Al-Shabaab foram mortos na Somália.

¹⁴ Um dos líderes da ALS, Hussein Mukhtar rendeu-se ao Exército Nacional da Somália em Baidoa, em março de 2017. Veja: Agutu. N. (2017). Hussein Mukhtar, líder da Al Shabaab, rende-se ao Exército da Somália.

¹⁵ Os desertores são um dos principais alvos do grupo porque podem ter informações que os afetam. A ALS usa todas as suas redes de informantes para localizar e eliminar aqueles que deixam o grupo, mesmo que se mudem para áreas controladas pela AMISOM e pelo governo.

¹⁶ As últimas eleições presidenciais ocorreram entre Novembro de 2016 e Fevereiro de 2017, quando o Parlamento de 328 membros elegeu o ex-Primeiro-Ministro Mohamed Abdullahi Farmajo como Presidente da Somália. Farmajo ganhou a presidência com 184 votos contra 97 a favor de Hassan Sheikh Mohamud, na presidência desde 2012: Nem. O., Sevenzo, F., & Masters, J. (2017). Mohamed Abdullahi Farmajo elegeu o presidente da Somália.

do tempo. O exposto acima indica que as contradições entre estes atores não serão eliminadas a curto prazo e estes também atuam como um elemento para impedir o progresso da ALS em certas regiões, embora a sua força militar se mantenha, sendo superior a estas milícias que têm um caráter local e um âmbito “nacional” menor.

O MICMAC indicou que a liderança é uma variável motriz devido aos seus níveis de influência. No caso específico da situação da ALS, seria necessário dizer que a capacidade de influência dos seus novos líderes é muito fraca, assim como a incidência do grupo em níveis local e sub-regional. Isto traduz-se na sua incapacidade de servir de “referência” a outras organizações mais pequenas. Em nível internacional não têm qualquer impacto, uma vez que o seu potencial militar não lhes permite realizar ações transfronteiriças para além da sub-região em que tradicionalmente operam. Desta forma, a redução da liderança tem um efeito positivo no declínio do grupo a curto e médio prazo, mas mesmo assim, recebe o apoio de setores importantes da população.

A sua base social não é reduzida e muitas pessoas veem a ALS como uma alternativa para a sua subsistência. Uma grande parte da população das áreas rurais sob seu controle, “prefere” a “segurança” que é oferecida pela ALS, já que eles conseguem “organizar” estruturas sociais de acordo com suas concepções e não o vácuo legal oferecido pelas autoridades regionais e “federais”. Os níveis de coerção que o grupo exerce nas áreas por ele controladas também continuarão a desempenhar um papel fundamental. Esta situação está relacionada com o processo de recrutamento, que é caracterizado pela combinação de fatores voluntários e obrigatórios. A redução da sua liderança não implica necessariamente uma diminuição das suas capacidades de recrutamento. O contexto socioeconômico interno adverso na Somália – 64% dos jovens entre 14 e 29 anos estão desempregados –, também exacerbado pelas mesmas ações da ALS, favorece a atração de novos adeptos à sua causa¹⁷.

A manipulação de fatores ideológicos, incluindo a religião, tendo por intermediário o uso de uma rede bem estruturada de propaganda e divulgação: rádio, redes sociais, internet e meios de comunicação¹⁸, são eficazes para conseguir a incorporação de novos combatentes. Um dos incentivos ao recrutamento continua sendo a possibilidade de receber um salário, status social e até mesmo uma esposa nos territórios por eles controlados. Outra forma

¹⁷ 50% das desistências da ALS declararam juntar-se ao grupo por razões econômicas. Veja: *South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups*. 2017, 20

¹⁸ Shahada News Agency é o nome dado à agência de notícias pertencente à ALS, da qual eles transmitem as suas declarações aos meios de comunicação social

de recrutamento também ocorre em mesquitas e via rivalidades inter-clãs. A ALS usa essas rivalidades para integrar membros de clãs minoritários com a promessa de maior status (South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups 2017, 20).

O recrutamento forçado continuará a ser característico de áreas que estão completamente sob seu controle. Se uma pessoa se recusar a ser recrutada, deverá pagar alguma compensação. A recusa frequentemente tem consequências negativas. O fenômeno do uso de crianças como combatentes também está ocorrendo na ALS. Em 2014, foram reportadas 437 crianças-soldados e 555 em 2015, e em 2016 houve cerca de 1.560 casos reportados (South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups. 2017, 21). A idade média de recrutamento está entre 14 e 25 anos. A ALS também continua a recrutar mulheres para trabalhos de logística, servir como esposas, atrair outras mulheres, recolher informações e usá-las como mulheres-bomba devido às suas facilidades para se deslocarem de um local para outro (South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups. 2017, 22).

O financiamento do terrorismo continua a ser a variável mais influente dentro do sistema para a continuidade dos grupos e seus programas. Neste sentido, a ALS mantém a capacidade de autofinanciamento mediante cobrança de impostos e subornos. Da mesma forma, continua a receber outras receitas devido às “doações” dos seus apoiadores somalis na diáspora e daqueles que se tornaram delinquentes devido às suas atividades criminosas transnacionais (uso do tráfico de drogas e redes de armamento). As fontes de autofinanciamento do grupo são dadas pelo sistema tributário e pelo trabalho dos tribunais da Xaria. O sistema de cobrança de impostos faz parte da ordem administrativa nas regiões que controlam e é considerado mais “justo” do que o governo. Ao mesmo tempo, eles administram um sistema judicial baseado na Xaria e devido ao mau funcionamento do sistema legal no país, muitas pessoas recorrem às Cortes da ALS quando não estão satisfeitas com uma decisão de um tribunal governamental e secular (South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups. 2017, 11).

Apesar dos problemas organizacionais, o grupo ainda possui armas, meios de combate e tecnologia militar para a execução de suas ações terroristas e o confronto contra a força regular, as tropas da AMISOM ou as milícias de segurança locais e o SNA. Suas ações militares continuarão focadas nos ataques às instalações, bases e comboios da AMISOM, das forças quenianas nas regiões de Gedo e do Alto Jubba (BBC 2017). Seus objetivos civis estão

concentrados no assassinato de figuras políticas, líderes locais e líderes de clã (anciãos ou anciãs de clã) que apoiam o governo federal. Parte dos ataques contra a população civil tem sido devido a represálias por parte da ALS por “colaboração” com forças militares estrangeiras. Neste sentido, também houve ações de retaliação por parte das tropas da AMISOM, do SNA ou da ENDF (Força de Defesa Nacional Etíope) quando retomaram uma aldeia ou área (South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups. 2017, 20). Este é um fator que influencia ainda mais o apoio que a ALS tem em certas áreas como “garantidores” de “segurança”.

Seu *modus operandi* será mantido por meio do uso de carros-bomba, dispositivos explosivos improvisados, emboscadas, colocação de minas e ataques contra postos de controle em estradas¹⁹, instalações hoteleiras e edifícios governamentais. Em geral, continuarão a evitar o confronto direto contra as forças militares e, em vez disso, privilegiarão a guerra assimétrica. Em particular, as regiões do Quênia, ao longo da fronteira com a Somália, serão as mais afetadas²⁰.

Após um período de clara retirada do grupo, a tendência sugere que a ALS continua a ganhar terreno nas áreas do centro-sul do país²¹ numa guerra de posições constantes contra as forças da AMISOM e do SNA. Assim, a presença da ALS no centro-sul da Somália consolida-se, apesar das ações das tropas de manutenção da paz da UA, que apenas controlam determinadas áreas durante o dia, enquanto que à noite, a ALS pode ser facilmente deslocada. A situação militar é imprecisa devido aos avanços e recuos que ocorrem: capturas de cidades e aldeias em várias ocasiões, confrontos entre

19 No decorrer de 2017 – até abril – cerca de 337 pessoas foram mortas ou feridas como resultado de 87 incidentes explosivos. As vítimas civis deste conceito aumentaram em 50% desde 2015. Veja: Somália: 337 civis mortos e feridos nos ataques do Al Shabaab em 2017 (2017).

20 Em abril de 2017 o governo queniano foi obrigado a decretar o toque de recolher até 28 de junho na região fronteiriça de Mandera e num raio de até 20 km da fronteira com a Somália, isto inclui a cidade de Mandera, Omar Jillo, Arábia, Fino, Lafey Kotulo e Elwak. Veja: Somália: Quênia estende o toque de recolher na fronteira sobre o Al Shabaab ataca (2017).

21 A ALS vem realizando uma forte ofensiva na região centro-sul do país desde meados de 2016. Um dos fatores desse avanço foi a retirada de parte das forças etíopes de várias cidades. Não há uma demarcação clara de quais áreas estão sob o controle da ALS e das milícias do clã, enquanto há outras áreas em que há uma dualidade nos atores que as controlam. Nas regiões desta parte do país, a ALS controla as principais rotas de abastecimento por estrada através de postos de controle, nos quais são cobrados impostos aos que se encontram em trânsito. Veja: *South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups*. 2017, 6.

milícias e clãs rivais da ALS para controle das regiões, por exemplo em *Lover Shabelle* e *Jubaland*.

A situação de segurança na capital continua a deteriorar-se. Embora o grupo não consiga recuperar o controle de Mogadíscio e estabelecer bases militares, a cidade permanece sob constante ameaça para as ações da ALS. A maioria dos ataques ainda está centrada na capital. Apesar de terem sido “expulsos”, ainda têm a capacidade de continuar a cobrar impostos e a participar em disputas legais. Por sua vez, na região do Baixo Jubba, a ALS está no controle das áreas rurais, enquanto a administração de *Jubaland* é “eficaz” nos centros urbanos. O porto de Kismayo ainda é controlado pelas forças da AMISOM e SNA. No Médio Jubba, a ALS controla todo o território.

Na região de Hiraan, o grupo é menos ativo – aqui prevalecem os confrontos sub-clânicos. Na região da Baía, os principais centros urbanos – Baidoa – estão sob o controle da AMISOM/SNA. Na região de Galguduud, a situação é mais difusa, devido ao número de atores envolvidos: Forças Regionais de Galmudug, Al-Shabaab e a milícia Ahlu Sunna Wal Jama (ASWJ). Na área de Mudug há confrontos entre a ALS e as forças locais (South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups. 2017, 11-16). A situação de segurança em geral não melhora, mas esta insegurança não pode ser atribuída apenas às ações da ALS, porque outras milícias que lutam pelo controle da terra ou pelo poder político também estão agindo.

Conclusão

Apesar de um certo aumento das ações terroristas nas zonas limítrofes de Burkina Faso, Mali e Níger, a resolução territorial do terrorismo tende a enfraquecer a curto prazo, bem como o seu domínio e mobilidade na África subsariana. Pode prever-se que, em 2025, haverá uma redução drástica da capacidade operacional e das áreas destes grupos, se as atuais políticas adotadas pela UA continuarem a ser implementadas. Tudo parece indicar que a ofensiva internacional conjunta que tem lugar no âmbito da luta contra o terrorismo está forçando-os a levar a cabo ações mais dissimuladas e pontuais. Logo, assistir-se-á a um despejo sistemático dos territórios que normalmente ocupam. Isto obriga-os a mudar a sua estratégia e as suas táticas, tendo de passar para diferentes formas de organização por meio de grupos menores, não concentrados no mesmo território, o que reduz significativamente a sua força militar, fazendo-os passar para uma situação de maior ocultação, bem como a reagruparem-se em células mais leves.

Em termos de liderança, a eliminação sistemática de “emires” em diferentes níveis afeta a articulação interna dos grupos devido ao surgimento de novas figuras de nível inferior e que alienariam a maioria dos recrutados dos líderes superiores, o que poderia causar antagonismos dentro das células/grupos/organizações. A ausência ou mudanças frequentes de líderes convincentes para níveis superiores, treinados para exercer o poder, mas com pouco carisma, controle religioso, psíquico e político, também exerce uma influência marcante na erosão e perda de legitimidade diante de outros.

A relação grupo-organização e os níveis de institucionalização não são variáveis determinantes na evolução do terrorismo, porque no primeiro caso o que aconteceu é mais uma declaração de princípios entre ambas as estruturas do que uma verdadeira colaboração em termos práticos. Isto é influenciado pela separação geográfica que existe entre as áreas onde operam. No segundo caso, o enfraquecimento institucional pode contribuir para uma maior dispersão do grupo/organização e aumentar a dificuldade para a sua erradicação. Organizações terroristas internacionais como o Estado Islâmico e a Al-Qaeda continuam a rivalizar na África para alcançar a supremacia dentro dos diferentes grupos ligados ou não a eles.

Estes antagonismos serão expressos no domínio ideológico, propagandístico e territorial. Isto provocará uma reconfiguração constante das alianças entre estas organizações e os grupos, assim como o fracionamento interno dos grupos menores. No entanto, as relações entre eles tendem a rachar, embora não vão além da retórica. As distâncias geográficas e as ações antiterroristas impedem maiores contatos entre estas organizações e grupos, assim como a elaboração de estratégias para realizar operações táticas conjuntas de maior impacto. Ambas as organizações enfrentam também problemas financeiros que dificultam a extensão do seu “apoio” logístico à vasta rede de células que operam na África, com algumas das quais perderam o contato. Neste sentido, a influência do Estado islâmico na região enfraqueceu e não articula adequadamente um forte movimento a seu favor, mas algumas células ligadas ao ISIS prosseguirão suas ações no Sahel.

O fato de prestar homenagem a organizações como a Al-Qaeda e o ISIS, torna-se uma estratégia para aqueles líderes com menos influência e que buscam romper as relações com seus líderes imediatos e assim conseguir maior legitimidade internacional usando os meios de comunicação e atraindo a atenção para construir sua própria liderança. De acordo com o comportamento dos diferentes grupos/organizações terroristas, pode-se observar que as relações estabelecidas entre eles não se encontram numa

fase positiva, razão pela qual existem níveis mais baixos de cooperação entre os diferentes grupos.

Estes grupos estão caminhando para uma recomposição de alianças e influências interterroristas, devido ao retrocesso que têm sofrido nos campos militar e de propaganda. Apesar das poucas ligações que existem entre eles, eles mantêm um aparente grau de autonomia e capacidade militar para poder continuar com suas agendas políticas por meio do uso da força e resistir às ações antiterroristas adotadas pela comunidade internacional. A manutenção de uma política internacional de dois pesos e duas medidas por parte de alguns poderes no tratamento deste problema, assim como suas posições antagônicas sobre como eliminar o terrorismo, ainda tendem a favorecer a atividade e a resistência destes grupos.

A variável mais influente e, por sua vez, a mais dependente, é o nível de financiamento do terrorismo. A sua dependência obedece à capacidade de cada grupo de atrair novos recursos financeiros. Uma vez adquiridos, estes são necessários para comprar armamentos, meios de combate e tecnologia militar para a execução das suas ações terroristas, tornando-se um fator determinante para o impulso do grupo.

Conclui-se que o nível de autofinanciamento e os recursos a serem obtidos por estas organizações serão afetados como consequência de um processo de coordenação entre os países e os mecanismos de segurança para enfrentar o terrorismo em nível internacional. No entanto, as suas capacidades para obter recursos por meio do crime organizado permanecem e continuarão a ser um dos principais aliados no fornecimento de recursos ao terrorismo. Em particular, os grupos que operam no corredor trans-saariano estão entre os que mais dependem das múltiplas redes de contrabando, sobrepondo-se entre si. Estas ligações não tendem a desaparecer, ajudando a sua existência num futuro próximo. Por essa razão, uma das ações mais importantes deve ser o corte de todas as fontes de financiamento que poderiam incentivá-las a continuar.

Quanto ao fracasso progressivo do desempenho da Al-Qaeda, a situação tem sido algo diferente devido ao seu atrito há mais de uma década, devido ao confronto com as forças argelinas, que lideram a luta contra o terrorismo na sub-região, e cujas tropas especiais e agências de segurança têm vindo a eliminá-las sistematicamente. Apesar disso, a AQIM continua sendo a organização com maior dispersão territorial devido à perseguição a que são sujeitos por todas as forças nacionais, regionais e internacionais. A organização tende cada vez mais para a descentralização, ao integrar dife-

rentes grupos dispersos. Eles também carecem de um quartel-general fixo e têm que se mover constantemente por causa da resposta militar.

No resto da região, BH continua a ser o principal ator terrorista em comparação com outros grupos que atuam quase autonomamente no norte do Mali e do Níger, e que não têm estruturalmente o nível de institucionalização atingido por BH. Na África Oriental e na região do Chifre, a organização somali ALS representará a mais potente ameaça à segurança e o principal expoente do terrorismo nesta parte do continente. Na Somália, a ALS tem o seu maior domínio e controle nos territórios do centro-sul do país e prosseguirá com as suas ações contra os atores regionais presentes militarmente no país. Em particular, a região queniana de Garissa no nordeste e especialmente os condados de Dabaab, Wajir e Mandera são os alvos mais diretos das suas ações transfronteiriças (Cummings R. 2017, 1).

As tendências apontam para uma diminuição das ações violentas dos grupos terroristas na África Subsaariana, o que se verifica após a redução do número de vítimas civis²², bem como a baixa intensidade e a natureza sistemática dos ataques terroristas. Contudo, BH e ALS continuam a ser os mais letais nas suas respectivas sub-regiões. Outra característica aponta para uma maior concentração geográfica das suas. O fenómeno do terrorismo continuará a afetar o continente africano, direta ou indiretamente, mediante violência indiscriminada, da geração de migrações forçadas e do aumento e utilização do crime organizado transnacional.

Recomendações

Os governos da região devem identificar os territórios mais conflituosos para poderem concentrar nessas áreas todos os recursos necessários para combater o processo de recrutamento destes grupos;

Os programas de desenvolvimento local devem continuar a ser implementados para contrabalançar a capacidade de recrutamento;

Incentivar uma maior integração dos setores jovens em atividades econômicas lícitas para desestimular o processo de radicalização e recrutamento;

22 As vítimas civis causadas por BH foram reduzidas de 11.519 em 2015 para 3.455 em 2016. Nos primeiros seis meses de 2017, estes dois grupos sofreram uma redução de 29% no número de vítimas. A ALS causou 1.831 vítimas no primeiro semestre de 2017. Veja: Centro Africano de Estudos Estratégicos (2017). Contratempos e Realinhamentos: A Evolução Contínua dos Grupos Militantes Islâmicos na África.

Redobrar os esforços de inteligência a fim de neutralizar a possibilidade de atos terroristas;

Aumentar os níveis de coordenação entre as agências de segurança nacionais, seguindo as experiências da Força Tarefa Multinacional Conjunta nas áreas em torno do Lago Chade para reforçar as ações militares e antiterroristas transfronteiriças de comum acordo;

Incorporar as organizações da sociedade civil na luta contra o terrorismo;

Fortalecer os mecanismos de financiamento que permitem o controle da lavagem de dinheiro, das transações ilegais e do crime organizado, dos quais as redes terroristas são financiadas;

Continuar com o estudo e divulgação do fenômeno do terrorismo para sensibilizar o público sobre suas consequências negativas.

REFERÊNCIAS

- Africa Center for Strategic Studies. 2017. Setbacks and Realignments: The Continuing Evolution of Militant Islamist Groups in Africa. Disponível em: <http://africacenter.org/6184F541A6/FinalDownload/DownloadId-1A6/wp-content/uploads/2017/07/Africas-militant-islamic-groups-as-of-jun2017.pdf>
- Agutu, N. 2017. Al Shabaab top leader Hussein Mukhtar surrenders to Somali army. Disponível em: <http://www.the-star.co.ke/2017/al-shabaab-leader-hussein-mukhtar-surrenders-to-somali-army>
- All Africa. 2017. Somalia: 337 civilians killed and injured in Al Shabaab attacks in 2017. Disponível em: <http://allafrica.com/stories/201704130254.html>
- All Africa. 2017. Somalia: Kenya Extends Curfew in Border Over Al Shabaab Attacks. Disponível em: <http://allafrica.com/stories/201703290493.html>
- BBC. 2017. Al-Shabab fighters attack Kenya military base in Somalia. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-africa-38768453>
- Cubadebate. 2017. UNICEF informa que grupo Boko Haram utiliza cada vez más niños como atacantes suicidas. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/noticias/2017/04/12/unicef-informa-que-grupo-boko-haram-utiliza-cada-vez-mas-ninos-como-atacantes-suicidas/#.WO5PYm6HlRt>

- Cummings, R. 2017. Africa's 2017 Terrorism Outlook. Disponível em: <http://www.religionandgeopolitics.org/sub-saharan-africa/african-cas-2017-terrorism-outlook>
- Danish Immigration Service. 2017. South and Central Somalia Security Situation, al-Shabaab Presence, and Target Groups. Disponível em: https://www.nyidanmark.dk/NR/ronlyres//o/South_and_Central_Somalia_Report_March_2017.pdf
- Duvillier, L. 2016. Beyond Chibok: Over 1.3 million children uprooted by Boko Haram violence. Disponível em: https://www.unicef.org/infobycountry/files/Beyond_Chibok.pdf
- Gaffey, C. 2016. Boko Haram: 2,000 Captives Freed by Regional Force as Nigeria Launches Rehabilitation Program. Disponível em: <http://www.newsweek.com/boko-haram-2000-captives-freed-regional-force-nigeria-launches-rehabilitation-57>
- Gaffey, C. 2017. Boko Haram Factions 'Cannot Pay Fighters' Salaries: U.N. Report. Disponível em: <http://www.newsweek.com/boko-haram-isis-nigeria-554112>
- Gulf of Aden Security Review. 2017. Disponível em: <https://www.critical-threats.org/gulf-of-aden-security-review/gulf-aden-security-review-february-27-2017>
- Kriel, R., e Briana D. 2017. Al-Shabaab faction pledges allegiance to ISIS. Disponível em: <http://www.brproud.com/news/alshabaab-faction-pledges-allegiance-to-isis/254577765>
- Matfess, H. 2016. Boko Haram's internal rift probably isn't good news. Here's why. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/08/24/boko-harams-internal-rift-probably-isnt-good-news-heres-1#comments>
- Nor, O., Farai S., & James M. 2017. Mohamed Abdullahi Farmajo elected Somalia's president. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/02/08/africa/mohamed-abdullahi-farmajo-somalia-election/>
- OAU Convention on the Prevention and Combating of Terrorism. 1999. Algiers Summit, July. Disponível em: https://au.int/sites/files/treaties/treaty_-_oau_convention_on_the_prevention_and_combating_of_terrorism_e.pdf
- Platt, S. 2017. Al-Shabaab update: February 2017. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/al-shabaab-update-february-2017-steven-platt>

- Reid, G. 2017. Militants Rising: Islamic State's East African Ambitions. Disponível em: <https://www.dailymaverick.co.za/article/2017-01-10-militants-rising-islamic-states-east-african-ambitions/>
- Reinares, Fernando. 2005. "El terrorismo internacional". In: Panorama Estratégico 2004-2005. Ministerio de Defensa, Instituto de Estudios Estratégicos Real Instituto El Cano, p. 48.
- Reuters. 2016. AU mission says several al Shabaab commanders killed in Somalia. Available in: <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFKCN0X21JX>
- Sridharan, V. 2017. Niger forces kill dozens of Boko Haram Islamists in counteroffensive. Available in: <https://www.yahoo.com/news/niger-forces-kill-dozens-boko-0438723.html>
- Watkinson, W. 2016. Khalid al-Barnawi leader of jihadist Boko Haram splinter group Ansaru arrested in Nigeria. Available in: http://www.ibtimes.co.uk/khalid-al-barnawi-leader-jihadist-boko-haram-splinter-group-ansar-arrested-nigeria-1552931?utm_campaign=rss&Frss%2Fyahoous

RESUMO

A região sahel-saariana, correspondente à África Ocidental e Central, permaneceu no centro do ativismo terrorista na África Subsaariana. Os países mais afetados continuam sendo Mali, Níger, Burkina Faso e Nigéria. No entanto, houve mudanças nas ações de vários grupos. Por um lado, Boko Haram diminuiu seu nível de violência, o que se manifesta na redução do número de vítimas civis, enquanto novas células foram reativadas na fronteira do Mali com Burkina Faso. Nesta área em particular, houve um aumento substancial de grupos como o Estado Islâmico no Grande Saara e o Estado Islâmico da África Ocidental, entre outros grupos de menor grau de organização. Por esse motivo, problemas de segurança e presença militar estrangeira foram mantidos em todos esses países. Uma situação semelhante é apresentada no Chifre da África, onde Al-Shabaab (ALS) é o grupo principal, afetando não apenas a Somália, mas também o Quênia com suas ações transfronteiriças. O papel do governo federal e as tropas da AMISOM foram insuficientes para reduzir ou finalmente eliminar a ALS. Por essas razões, o terrorismo continua sendo o maior desafio de segurança da região subsaariana e não será mitigado a longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE

Terrorismo na África; Segurança na África; Presença militar estrangeira; União Africana.

Recebido em 25 de janeiro de 2020

Aceito em 27 de fevereiro de 2020

Traduzido por Pietra Ribeiro Studzinski